

## Carta sobre Escrita – 9

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

A língua portuguesa é uma bela língua – como qualquer outra. É a expressão do génio criador do ser humano – como qualquer outra. Nesse estatuto de base, todas elas são iguais; acima dessa base, todas são diferentes. Por exemplo, em virtude dos múltiplos processos histórico-políticos, algumas línguas têm mais falantes e mais poder de afirmação e auto-defesa. Isso dá a cada língua um certo tipo de poderes e de auto-desenvolvimento, que faz parte da diferença entre elas.

Segundo a UNESCO, há no mundo 6.000 línguas catalogadas, metade das quais estão “em perigo”, nomeadamente de extinção. Cada uma delas é um património insubstituível, em primeiro lugar do povo que a fala, mas também da humanidade no seu conjunto.

Cada língua tem poderes que as outras não têm. Por exemplo, a língua portuguesa tem muita dificuldade ou mesmo impossibilidade de fazer certas conceptualizações e distinções que são possíveis noutras línguas, como o inglês, o alemão, o francês... e todas as outras, sem dúvida.

Uma língua é resultado do trabalho secular de pensar e exprimir o que ao longo dos tempos os povos que a falaram têm vindo a conseguir. A expressão italiana “traduttore, traditori” diz isso mesmo: um tradutor é sempre um traidor, pois na passagem de uma língua para a outra algo se perde (embora por vezes também algo se ganhe). Cada língua tem também as suas limitações.

É natural que uma pessoa, em especial jovem, que se pensa como autor, se pergunte: em que língua devo escrever?

Este problema tem vários níveis e, por isso, há também vários níveis de resposta.

A um primeiro nível, é importante afirmar que não há qualquer “dever” de escrever, ou falar, em qualquer língua. Nada me impede, por exemplo, de escrever em mandarim... exceto o facto de que não sei mandarim. Todos nós temos não só inevitáveis limitações como vivemos num determinado contexto. E o contexto, sim, coloca-nos desafios.

É natural que um jovem escritor africano se coloque o problema: escrevo em português ou em crioulo? Mais uma vez, cada um sabe de si e precisa de criar a “sua” resposta. Mas podemos pensar um pouco sobre esse problema. E não seremos os primeiros a fazê-lo.

Odete Semedo, uma consagrada autora da Guiné-Bissau, perguntou-se de forma poética, no livro *Entre O Ser e o Amar*:

### ***Em que língua escrever***

Em que língua escrever

As declarações de amor?

Em que língua cantar

As histórias que ouvi contar?

E, ao perguntar-se, é na língua portuguesa que o faz, como se vê. Mas também no crioulo da sua terra (o kriol guineense):

### **Na kal lingu ke n na skribinel**

Na kal lingu ke n na skribi

Na diklarasons di amor?

Na kal lingu ke n na kanta

Storias ke n kontado?

E continua o seu belo poema, tanto em português como em crioulo.

Podemos, portanto, constatar que é normal colocar o problema e que escrever numa língua não impede de escrever noutra.

A realidade objetiva é que nos PALOP a língua oficial é o português, mas nos vários países há outras línguas, desde uma ou outra forma de crioulo até às línguas das etnias de origem. Se um jovem autor fala crioulo e fala português, é normal, direi eu, que se sinta desafiado a escrever em ambas as línguas. E talvez mesmo numa língua da sua etnia de origem, embora aí se coloquem outros problemas (nos quais não tenho competência), talvez a falta de uma codificação suficiente dessa língua.

Retomemos o problema das línguas ameaçadas e o desafio da UNESCO de fazermos o que estiver ao nosso alcance para salvar delas o que for possível. Se essa é uma responsabilidade universal, não o é menos dos falantes dessas línguas. E há várias formas de fazê-lo em termos de escrita: desde escrever nessa língua, como fazem Odete Semedo e outros, ou introduzir, em textos em língua portuguesa, palavras ou expressões em crioulo ou noutra língua. Neste último caso, é conveniente, digo eu mas não apenas eu, anexar uma nota que explique o que é provável que muitos leitores não consigam entender.

É claro que um autor africano, de um pequeno país ou de um país em que a atividade editorial seja incipiente, se coloque o problema de difundir a sua obra. Mas esse é outro problema.

Mas vale a pena abordar aqui outros aspetos do problema “em que língua...”

A língua portuguesa começou por não existir (como qualquer outra). Foi sendo feita, ao longo dos séculos pelos falantes e escritores que a foram tornando capaz de cumprir as funções de qualquer língua. Os jovens escritores africanos de língua portuguesa são falantes e escritores desta língua, portanto são também chamados a participar deste esforço que é permanente, logo de hoje também. Mas muitos são também falantes de crioulo ou mesmo de uma língua étnica. Eu diria que, só por isso, estão desafiados a participar do esforço de cuidar dessas línguas e do trabalho de as desenvolver. Na fala e na escrita, é claro. Mas talvez também na posição que possam tomar perante a tarefa social das suas comunidades de origem quanto à defesa desse património que nem sempre é considerado prioritário e por isso tende a ficar esquecido.

É claro que nada invalida que um autor africano fale e escreva noutras línguas. Mas não é disso que se trata aqui.

O facto de o EscritAfricano, projeto no qual tem origem esta carta, operar apenas na língua portuguesa deve-se apenas à situação concreta de os responsáveis pelo projeto não saberem por exemplo qualquer crioulo. E, se no decorrer do projeto os jovens escritores aumentarem o

seu poder de escrita, nomeadamente escrita literária, na língua portuguesa, serão capazes de transferir essas competências para um eventual trabalho noutra língua.

Mas há uma verdade que nunca é demais repetir: só se é escritor escrevendo, em especial escrevendo bem. Portanto, mãos à obra... até chegar a uma obra-prima. “O caminho faz-se caminhando”, diz António Machado, poeta espanhol.

Setembro de 2022

José Alves Jana